

Panem et Circenses

Breve Análise de uma Perspectiva de Incompreensão da Pobreza no Mundo Romano

FÁBIO FAVERSANI

Departamento de História - UFOP

"A mentira não está no discurso, mas nas coisas. "
Italo Calvino. As Cidades Invisíveis.

"Quem não trabalha não terá o que comer"
São Paulo

RESUMO Há um axioma relativo aos homens pobres do Império Romano segundo o qual a população livre viveria do pão e circo oferecido pelo Estado. Tal axioma é falso, apesar de bastante difundido. O presente trabalho se ocupa da demonstração de sua inaceitabilidade e da discussão dos significados do seu largo propagandeamento.

ABSTRACT There is an axiom related to the poor men of the Roman Empire in which the free population lived from the bread and circuses offered by the State. In spite of this axiom's diffusion, it is false. This article will demonstrate the unacceptability of this axiom as well as the discussion of the significances of its wide dissemination.

O estudo da pobreza na Antigüidade não tem sido feito de forma, exaustiva, como mereceria. A maior parte dos historiadores estabelecem uma abordagem demasiado superficial, ou o desprezam, tomando-

o através de pré-conceitos que vestem os pobres do mundo antigo com uma série de "máscaras" elitistas, fazendo destes agentes elementos negativamente destoantes na grandeza da "civilização romana". Analisaremos, ao longo deste artigo, abordagens da pobreza que em nada podem ajudar a entender a pobreza romana, mas são fundamentais para compreender o porquê de sabermos tão pouco sobre este universo que temos nos proposto a estudar nos últimos anos¹.

Como exemplo de desinteresse da historiografia pelos pobres romanos citamos dois exemplos que nos parecem característicos. Na visão de Rostovtzeff: "Da vida das classes inferiores da época (séc. I a.C.) nada sabemos, mas é pouco provável que tivesse atrações especiais."². Se para Rostovtzeff os pobres são "casualmente" pouco atraentes, para Badian seu esquecimento se deve a um compromisso "epistemológico". Ele nos diz que "o estudo da República Romana - e, em grande parte, também do Império - não é, basicamente o estudo de suas massas; nem tampouco o das grandes personalidades: é substancialmente o estudo de suas classes dominantes"³. Assim, quer por descaso irrefletido, quer por uma atribuição exclusivista do "fazer a história" às elites, parte dos historiadores não se incomodou em refletir sobre os pobres romanos, tanto menos sobre os instrumentos analítico-conceituais que poderiam auxiliar a compreendê-los⁴.

É claro que este não é o caso de todos os historiadores. Há aqueles que se dedicaram ao que, em geral, é chamado de "classes inferiores". No entanto, o fato de historiadores terem se dedicado à análise dos pobres romanos, paradoxalmente, não significa de forma necessária que nosso conhecimento sobre eles tenha avançado. Isso se deve à adoção de vieses analíticos que tomam como pressuposição diversos pré-conceitos desvalorizadores. Citemos dois exemplos para tornar claro o que dizemos. Para Catherine Salles:

Bandidos, escroques ou prostitutas estão longe de constituírem 'categorias sócio-profissionais'; não passam de escória de sociedades harmoniosas e bem organizadas, uma escória cada vez maior que ia invadindo O mundo antigo e O teria submergido se

1 Para alguns resultados dessa pesquisa, Cf. FAVERSANI, Fábio. *A Pobreza no Satyricon de Petrónio*. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. (Dissertação de Mestrado).

2 ROSTOVITZEFF, M. *História de Roma*. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 160. O mesmo tratamento é dispensado à pobreza sob o Principado sem que, desta feita, repita-se a manifestação explícita de desinteresse pelos pobres. Ela se tornava desnecessária, redundante.

3 BADIEN, E. *Roman Imperialism in the Late Republic*. New York: Itaha, 1968. p. 92

4 Assim, diz Macmullen: "Mas as relações sociais que os unem [senadores e a classe equestre] aos outros 99% da população são pouco conhecidas e não foram objeto de muitas pesquisas." (MACMULLEN, Ramsey. *Les Rapports entre les Classes Sociales dans l'Empire Romain*. 50 avo J-C. - 284 ap. J-C. Paris: Seuil, 1986. p. 114.)

esse não tivesse erguido barreiras capazes de conter a ladroagem e a miséria numa espécie de no man's land.⁵

No mesmo sentido temos as palavras de Paul Veyne: "Só quem trabalhava era gentinha. As pessoas de bem exerciam em todas as coisas uma atividade de direção".⁶ Saliente-se que o próprio Veyne deixa claro quais as conseqüências de sua perspectiva analítica ao dizer, tratando de nossos dias: "O trabalho nos parece respeitável e não ousaríamos nos gabar de ser ociosos; isso não impede que sejamos muito sensíveis às distinções de classe e, sem nos confessar, vejamos os operários como gentinha." ("art. cit." p. 124). Não é preciso se aventurar muito para dizer que nossos conhecimentos sobre os setores sociais menos privilegiados não avançara jamais se teirmos em atuar nesta perspectiva.

Obviamente que a predominância destas perspectivas que desmerecem os agentes sociais pobres enquanto objeto de estudo ou descartam totalmente a preocupação em analisá-los, não é casual. Sem dúvida contribui para estas visões, entre outros fatores, uma longa tradição que afirma um quadro absolutamente falso sobre a vida dos pobres na Roma Imperial: o famoso *Panem et Circenses*. Os pobres seriam alimentados e divertidos às expensas quer do Estado, quer dos homens mais ricos, que ofereciam todo o necessário para que os pobres levassem uma vida excelente sem que nenhum esforço fosse necessário. Após várias gerações de classicistas terem afirmado e difundido largamente esta forma de ver os pobres romanos, ficou fácil deixá-los de lado, ou mesmo tratá-los como um rebotinho.

Sir Moses Finley, em um trabalho publicado originalmente em 1977, dizia, não sem certo fastio, que tinha "se tornado um passatempo erudito 'refutar' essa suposição" segundo a qual "as classes urbanas mais baixas eram um bando de mendigos e pensionistas". Acrescentava ainda que "não se deve subestimar a extensão da pobreza, do desemprego e da fome."⁷ Mas, retomando uma imagem que o próprio Finley criou, a idéia de que os pobres viviam à sombra dos poderosos é como um defunto que temos que constantemente reenterrar⁸.

5 SALLES, Catherine. *Nos Submundos da Antigüidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 281.

6 VEYNE, Paul. "O Império Romano." In: DUBY, Georges et ARIES, Philippe (dir.) *História da Vida Privada* São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 137.

7 FINLEY, Moses I. "A cidade antiga: de Fustel de Coulanges a Max Weber e além." In: *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. pp. 22-23.

8 Basta lembrar que há sempre quem ressuscite o *Panem et Circenses*, como o fazem diversos autores que têm perspectivas de análise muito diversas, mas acabam por reproduzir esta visão de forma mais ou menos fiel. Citamos como exemplos: Wallace-Hadrill ["Patronage in Roman society: from Republic to Empire." In: WALLACE-HADRILL, Andrew (ed.). *Patronage in Ancient Society* London: Routledge, 1990. (Leicester-Nottingham studies in Ancient History, 1). pp. 63-87. p. 69.]; Finley (*A Economia Antiga*. Porto: Afrontamento, 1980. p. 178; contradito por ele próprio na p. 49 da mesma obra); Gagé (*Les Classes Sociales dans l'Empire Romain*. Paris: Payot, 1964. pp. 125-128.) e Rostovtzeff (*História de Roma*. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. pp. 177; 236; e 241-243.)

A idéia do *panem et circenses* nasceu sob o Renascimento, com a revalorização pelos laicos de um modo de ver as sociedades clássicas antigas privilegiando uma reconstrução deste universo enquanto *locus* de uma vida racional e "urbanocentrada". Os homens mais admiráveis destas sociedades, ou seja, os políticos, os pensadores e os artistas, tinham a possibilidade de viver no ócio graças a existência da mão-deobra escrava, que respondia pelas atividades produtivas, deixando por conta de homens ilustres o desenvolvimento de atividades intelectuais especulativas e artísticas. No entanto, em nenhuma sociedade todos são ilustres. Havia uma imensa massa de homens livres, incultos, que eram uma ameaça em potencial para este "equilíbrio" antigo, que garantiu a criação de tantos frutos admiráveis. Os homens livres pobres, segundo esta forma de ver, constituíam uma multidão inútil. Sua maior parte era composta por analfabetos improdutos, que tinham uma vida segura graças às redistribuições promovidas pelos ricos e pelo Estado. Vistos assim, os pobres romanos só eram notados como a massa de grosseiros brilhantemente controlada pelas elites através de sua política do *panem et circenses*. A massa, alimentada e divertida, tornava-se além de inútil, inofensiva; grande conquista dos gênios políticos romanos ...

Buscaremos aqui recolocar a questão das condições de vida dos pobres. É fundamental que fique claro que a realidade vivida pelas massas romanas era bem outra⁹. Em primeiro lugar, note-se a insuficiência de ambos ingredientes do *Panem et Circenses*, no ambiente da pobreza romana, para explicar sua subsistência e ocupação. O trigo era distribuído para apenas uma *parcela* da população, sendo que o critério de eleição dos beneficiários não era a pobreza, mas a condição de cidadão. Ainda assim, os beneficiários não conseguiriam sobreviver com apenas os modestos 5 *modii* (aproximadamente 21 litros) de trigo distribuídos pelo Estado. Além de o trigo ser insuficiente para alimentar uma família, ele era dado - se muito - a 0,5% da população total do Império. E isto era todo o "pão" que o Estado dava ao povo, já que podemos considerar desprezíveis os *alimenta* de Trajano/Adriano¹⁰, por terem se redu-

9 Isto já foi demonstrado por vários autores. alguns deles que, mesmo adotando perspectivas de análise bastante conseqüentes, não puderam ceder à tentação de aderir a esta falsificação grosseira do mundo romano. Petit nos informa: "As classes inferiores não viviam unicamente à sombra dos poderosos, às suas expensas e na espera de suas generosidades." (PETIT, Paul. *A Paz Romana*. São Paulo: Edusp/Pioneira, 1987. p. 169.) Segundo Alföldy, "Suas condições de vida eram muitas vezes miseráveis, as condições de trabalho com freqüência muito ingratas, a alimentação e o vestido insuficientes em muitos casos, e sua renda, em geral, muito baixa." (ALFOLDY, Géza. *Historia Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989. p. 184; consulte-se ainda pp. 185 e 189-190); afirmação que é corroborada por inúmeros outros autores e sustentada ricamente pelas fontes latinas de matizes diversas: Tác. *Ann.* 6,13; Sen, *De Clem.*, 2, 7; Juv. *Sat.* 3,184 ss., são apenas alguns dentre inúmeros exemplos. Veja-se ainda sobre as precárias condições sob as quais viviam os romanos pobres: MacMULLEN, Ramsey. *Les Rapports entre les Classes Sociales dans l'Empire Romain*. 50 aVo J.-C. - 284 ap. J.-C. Paris: Seuil. 1986. pp. 88-89 e 104-108.

10 Sobre a instituição dos *alimenta* veja-se AYMARD, André. "Roma e seu Império: As civilizações da unidade

zido a um espaço de tempo e uma escala ainda menos significativos. Assim, é quase tão verossímil pensar que este trigo mantinha o povo alimentado, quanto pensar que o salário-família concedido pelo Estado brasileiro possibilite aos pais e mães trabalhadores criarem seus filhos. Não esqueçamos ainda que o trigo tinha que ser transformado em pão. Os pobres não podiam fazer isto em suas minúsculas vivendas de madeira, que não comportavam uma cozinha. Os apartamentos das *insulae*, pequenos e insalubres, sempre sob risco de se incendiarem, abrigavam sob condições subumanas boa parcela da população da capital. Tinham que pagar para o trigo ser transformado em pão, como também pelo aluguel (até 2000 sestércios/ano, quando o salário de um trabalhador especializado era de aproximadamente 3 sestércios/dia), pelo seu vestuário - que não era melhor do aquele que recebiam os escravos do campo -, etc. Muitos procuravam abrigo nos mausoléus da periferia de Roma por não terem como custear o aluguel ou por serem foragidos da lei. Outrossim, a capacidade de público das edificações que sediavam os espetáculos não era bastante ampla para abrigar a todos¹¹, ao contrário do que faz supor Frontão, que parecia crer que *toda* a plebe ali passava *todo* seu tempo¹². Deste modo, ainda que os espetáculos fossem permanentes - e não o eram -, matemática e fisicamente seria impossível que a plebe passasse todo tempo no Circo.

Não esqueçamos que havia a espórtula dos ricos também, mas era tão insuficiente à sobrevivência quanto as frumentações fornecidas pelo Estado à cidadania de Roma. Recebê-la não era algo tão tranqüilo ou agradável¹³, como demonstra uma intervenção parietal encontrada em Pompéia - Casa dei Menandro: "Tottotare itis tota uita?" (CIL, IV, 8349)¹⁴.

As condições de vida eram sofríveis no geral. Isto se explica pelas dificuldades inerentes ao explosivo crescimento pelo qual passou Roma¹⁵, sem um planejamento urbano satisfatório - moradia, saneamento, abastecimento¹⁶, a incapacidade de adquirir gêneros de primeira necessidade (alimentação, vestuário, etc.), mesmo quando eles estavam disponíveis a preços regulares (o que podia não acontecer quando havia as

romana." In: CROUZET. Maurice (dir.). História Geral das Civilizações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. v. 4. p. 165.

11 O Circo Máximo comportava 250.000 espectadores e o Coliseu, 50.000. Estima-se que a população romana montava a 1.000.000 de pessoas.

12 Cf. WHITTAKER, C.R. "O Pobre". In: GIARDINA, Andrea. O Homem Romano. Lisboa: Presença, 1992. p. 225.

13 Cf. ALFOLDY, Géza. História Social de Roma. Lisboa: Presença, 1989. p. 185.

14 "Este blá-blá-blá vai demorar muito?" Apud FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Cultura Popular na Antigüidade Clássica. São Paulo: Contexto, 1988. pp. 56-57. Esta intervenção se insere em uma verdadeira tradição do queixar-se da dificuldade de depender da espórtula. Pode ser vista como eco, por exemplo, de uma passagem da Comédia Latina produzida no século II a. C.: Ergásilo: "não pode ser parasita quem não for capaz de suportar bofetadas ou não esteja pronto para que lhe quebrem a mobília na cabeça e tenha de ir lá para fora." PLAUT. Captivi. I, I, 86-90.

15 De 400.000 para 800.000 habitantes entre 130 e 40 a.C.; daí ao início do Império, mais de um milhão de pessoas.

16 Cf. HOMO, Léon. Rome Impériale et l'Urbanisme dans l'Antiquité. Paris: Albin Michel, 1971.

comuns "crises de abastecimento")¹⁷ e a inexistência de uma política voltada para a mitigação da pobreza¹⁸.

Assim, fica claro que a plebe teria que desenvolver outras estratégias de sobrevivência e ter mecanismos de lazer diversos do "Circo". Esta breve observação é suficiente para estabelecer claramente que a plebe era um grupo sócio-econômico ativo, que lutava por sua sobrevivência e criava alternativas próprias de vida social. Não era um mero parasita do Estado e dos poderosos, satisfeito com os oferecimentos de Pão e Circo, que supostamente seriam suficientes, tanto um, quanto o outro.

Assim, seja lá como se considere os pobres romanos, certo é que a visão do *panem et circenses* não é aceitável à luz das informações disponíveis. É preciso admitir que as elites não deram "vida boa" aos pobres. Esta falsa imagem deve ser abandonada. Os pobres desenvolviam atividades que lhes garantiam a sobrevivência e o Jazer. Aqueles mecanismos sobrevalorizados pela imagem do *panem et circenses* não eram decisivos para os pobres conseguirem o que comer e com o que se divertir. É possível dizer que a maior parte destas atividades se dava nas oficinas, nas tavernas, nas ruas, nos prostíbulos ... Cabe a nós, historiadores, reencontrar este universo empurrado para a sombra que os poderosos, do passado, associados aos do presente, sempre produzem. É preciso descobrir quem eram os pobres antigos e como viviam. Este compromisso com o conhecimento do passado nos parece especialmente significativo em um país que produz uma pobreza tão profunda e tão extensa quanto o Brasil.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALFOLDY, Géza. *Historia Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.
- AYMARD, André. "Roma e seu Império: As civilizações da unidade romana." In: CROUZET, Maurice (dir.). *História Geral das Civilizações*. v. 4. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BADIAN, E. *Roman Imperialism in the Late Republic*. New York: Itaha, 1968.
- FAVERSANI, Fábio. *A Pobreza no Satyricon de Petrônio*. São Paulo FFLCH-USP, 1995. (Dissertação de Mestrado).
- FINLEY, Moses I. "A cidade antiga: de Fustel de Coulanges a Max Weber e além." In: *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FINLEY, Moses I. *A Economia Antiga*. Porto: Afrantamento, 1980.
- FUNARI, Pedra Paulo Abreu. *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1988.

17 Cf. GARNSEY, Peter. *Famine and Food supply in the Graeco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.; em especial as páginas 3-39.

18 Aos quais acrescentaríamos a incapacidade de expansão das possibilidades de expansão do emprego, devido ao desenvolvimento relativo das forças produtivas e à mentalidade acumulativa das elites romanas, além do próprio processo de acumulação dos benefícios da expansão romana e da renda no geral.

- GAGÉ, Jean. *Les Classes Sociales dans l'Empire Romain*. Paris: Payot, 1964. GARNSEY, Peter. *Famine and Food Supply in the Graeco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- HOMO, Léon. *Rome Impériale et l'Urbanisme dans l'Antiquité*. Paris: Albin Michel, 1971.
- MaCMULLEN, Ramsey. *Les Rapports entre les Classes Sociales dans l'Empire Romain. 50 av J.-G. - 284 ap. J.-C.* Paris: Seuil, 1986.
- PETIT, Paul. *A Paz Romana*. São Paulo: Edusp/Pioneira, 1987.
- ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- SALLES, Catherine. *Nos Submundos da Antigüidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983. VEYNE, Paul. "O Império Romano." In: DUBY, Georges et ARIÉS, Philippe (dir.) *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- WALLACE-HADRILL, Andrew. "patronage in Roman society: from Republic to Empire." In: WALLACE-HADRILL, Andrew (ed.). *Patronage in Ancient Society* London: Routledge, 1990. (Leicester-Nottingham studies in Ancient History, 1). pp. 63-87.
- WHITTAKER, C.R. "O Pobre". In: GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.